

# Extensão: o ser, o conhecer e o fazer

Alcione Jacques<sup>1</sup>

Em novembro de 2010, comecei a minha atuação como professora desta instituição federal de ensino inovadora, inclusiva e com foco na educação regional, o IF (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia). Foi o Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul), *Campus* Avançado Santana do Livramento, que primeiro me recebeu. Uma das primeiras tarefas como servidora foi a de ir às escolas divulgar as vagas para os primeiros cursos binacionais do país. Como o *campus* era novo e era uma proposta binacional, percorremos todos os espaços públicos relacionados à educação, inclusive os do município uruguaio adjacente, Rivera. Sem saber, a partir desse momento, eu comecei a minha caminhada na Extensão. Fiz contatos com agentes sociais dos poderes públicos das duas cidades, das secretarias de educação e social, com diretores e professores das escolas visitadas, com rádios e jornais locais.

Naquele mesmo ano, após um convite para um jantar beneficente do Lar de Meninas (órfãs) de Santana do Livramento, elaborei o meu primeiro projeto de extensão. Uma solicitação da direção do Lar de Meninas, para que o IFSul oferecesse algum curso às pequenas moradoras da casa. Propus um curso que eu poderia ministrar, o de língua espanhola, com muita música, vídeos, atividades de culinária e dança, com o intuito de elevar a autoestima das estudantes, ensinando outra versão do idioma tão familiar, o Fronteiriço, conhecido como "Portuñol".

Atribuo a esse começo toda a minha paixão pela Extensão. Conversar com a comunidade, entender as necessidades, e poder fazer algo que possa impactar na vida de alguém, é a realização de todo extensionista. A experiência com o Lar de Meninas envolveu muita emoção pessoal. Em todos os encontros, era recebida com muitos bracinhos estendidos, pedindo muito mais do que um cumprimento. Durante as aulas, a língua espanhola se misturava com outros aprendizados, e, na maior parte do tempo, a aluna era eu.

Nunca tinha estado antes na fronteira, e estava disposta a conhecer realmente aquele povo. Depois das escolas e das prefeituras locais, comecei a me interessar por projetos sociais que aconteciam entre as duas cidades fronteiriças. E, no ano seguinte ao início das aulas regulares dos cursos técnicos-subsequentes, começamos com atividades em um projeto do Governo Federal chamado Mulheres Mil. Como coordenadora de uma ação que envolvia mulheres em situação de vulnerabilidade social, conhecendo um pouco da integração familiar, social, comercial, de línguas, de dificuldades daquela fronteira, sabia que teríamos que ir além do que previa o edital, para realmente fazer uma ação de extensão no sentido literal da expressão. Não demorou muito para eu perceber que todos os problemas e soluções passavam por mãos binacionais. Não haveria, na minha apaixonada e recente concepção de extensão universitária, a menor possibilidade de não fazer o projeto das "Mulheres Mil Binacional". Pois, assim como os desafios das mulheres pobres (nesse caso, a situação de vulnerabilidade social estava muito relacionada a pobreza material) eram os mesmos para brasileiras e uruguaias, com certeza a busca por soluções teria muito mais sucesso se envolvesse atores de ambos os países. O primeiro passo que dei em relação a isso foi entrar em contato com

<sup>1</sup> Mestra em Letras e Cultura pela UCS. Docente EBTB do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), *Campus* Veranópolis. E-mail: [alcione.jacques@veranopolis.ifrs.edu.br](mailto:alcione.jacques@veranopolis.ifrs.edu.br)

a diretora do MIDES (Ministerio del Desarrollo Social - do Uruguai) e participar de um encontro de equipe, onde apresentei a ideia de fazermos juntos uma ação para qualificar mulheres necessitadas, de ambos os lados da fronteira. A ação se tornou referência em todo Uruguai, exemplo para outras fronteiras do Brasil e aprendizados para todos os envolvidos.

Com a divulgação do *campus* na região e a ação no Lar de meninas, pude ter uma ideia do que era fazer extensão. Com o projeto “Mulheres Mil Binacional” eu vi o potencial do resultado da união de um IF com a sua comunidade, para melhorar a vida do seu público-alvo, por meio da educação. O contato com diferentes órgãos e instituições, pessoas de diferentes setores ou áreas de trabalho e o cara a cara com as futuras estudantes, impulsionava um trabalho necessário e urgente que não beneficiaria apenas às mulheres, mas a famílias inteiras. Apresentamos as possibilidades de cursos de Formação Inicial e Continuada que poderíamos oferecer, e as mulheres se dividiram, por escolha própria, em dois grupos, um de Informática e outro de Padaria e Confeitaria. Depois disso, faltava pensar nas aulas, no transporte e nos lanches que seriam servidos nos intervalos das aulas. Os conteúdos seriam ministrados por servidores do IFSul ou por parceiros voluntários brasileiros ou uruguaios. As aulas seriam em português, espanhol ou *portuñol*. Para a parte técnica do curso de Informática, tínhamos os professores no *campus*, mas para o Padaria e Confeitaria, tivemos que buscar ajuda externa. Encontramos um padeiro que já dava aulas e se propôs a ensinar seus dotes às mulheres, de graça. As estudantes tiveram aulas sobre autoestima, lei Maria da Penha, higiene pessoal, direitos e exames de saúde disponíveis na rede pública, sexualidade, artes (música e pintura), maquiagem e manicure, língua portuguesa e espanhola instrumental e matemática básica e financeira. Estas eram as disciplinas do núcleo comum e, ao final do programa, estavam previstas as aulas do núcleo técnico. Além das aulas, houve encontros com outras “Mulheres Mil”, de outros *campi* do IFSul. Foram dias para compartilhar vivências e saberes, artes e lazer, com apresentações artísticas, depoimento de casos de superação, comidas e bebidas para descontrair, alimentando o corpo e o espírito.

Trago essas informações, brevemente, porque meu intuito aqui é tentar mostrar um pouco da complexidade do fazer extensão. Nessa trajetória, acredito que é possível ver todos os passos essenciais que um extensionista precisa entender. Conhecer e dialogar com agentes sociais de diferentes meios é o primeiro passo. Antes de pensar em fazer uma ação acadêmica na comunidade, tem que saber das necessidades, das ansias, dos desejos das pessoas que vivem neste espaço. Depois disso, buscar parcerias para realizar a ação desejada pela comunidade. Sabemos que há editais com verbas para pagar profissionais para atuarem em projetos de extensão, mas, do meu ponto de vista, o ideal é conseguir voluntários. O ator voluntário vai atuar com mais empatia, envolvimento pessoal, com despreendimento de interesse financeiro, sem contar que é sempre melhor trabalhar com diferentes profissionais, em vez de contratar apenas um.

Nos casos dos cursos do “Mulheres Mil Binacional”, encaminhamos, com recomendações e certificação, várias estudantes (com currículo nas mãos) para as empresas afins. Algumas delas, se juntaram e abriram uma microempresa em casa, fabricando pães e doces, para tanto, solicitamos auxílio de docentes do *campus* que entendessem da parte burocrática e financeira. Ou seja, continuamos dando suporte ao sonho dessas pessoas, com as quais, fizemos extensão universitária. Porque, para mim, esse é o objetivo de um extensionista, ver o conhecimento acadêmico servindo à vida e aos interesses das pessoas da comunidade. Os estudantes do *campus*, que participaram como bolsistas do projeto ou como voluntários, acompanharam todo o desenvolvimento da ação, auxiliaram nas aulas, criaram um perfil no *facebook* do “Mulheres Mil”, para divulgar atividades, fotos dos grupos, material das aulas e conteúdos relacionados à área técnica de Informática e Padaria e Confeitaria. Impossível dimensionar a aprendizagem de cada um desses estudantes durante a participação no

projeto, mas podemos imaginar que muito das relações sociais, do desenvolvimento de projetos e de parcerias, das dinâmicas de comunicação e das relações entre colegas, podem ter sido a base dos conhecimentos adquiridos.

Desde 2014, e atualmente, atuo no *Campus* Veranópolis do IFRS. Fui a primeira professora a chegar no *campus* e já comecei com o projeto “Mulheres Mil”, Pronatec, uma proposta um pouco diferente da que eu conhecia, mas de igual relevância para a comunidade atendida. Da mesma forma, aconteceram muitos contatos com órgãos do executivo do município, várias secretarias (Educação, Social, Saúde) e agentes que poderiam interagir para propiciar o diálogo nosso com as futuras estudantes.

Nessa época, também comecei os cursos de espanhol no *campus* e nas escolas na região. Foram cursos destinados a estudantes do ensino médio, com a demanda de um intensivo para processos seletivos; espanhol para público geral, uma demanda dos responsáveis pelas pastas da cultura dos municípios; para alunos dos nonos anos das escolas municipais, um acordo entre as secretarias de educação e o *campus*, para levar arte e cultura espanhola aos estudantes, autoestima e conhecimento dos trabalhos do IFRS na região; e espanhol para profissionais da saúde que atuavam junto aos médicos cubanos, uma demanda da secretaria de saúde do município de Veranópolis. De 2014 a 2019, foram doze cursos de língua espanhola, com entregas de certificados a estudantes das cidades de: André da Rocha, Protásio Alves, Vila Flores, Fagundes Varela, Cotiporã, Nova Prata e Veranópolis.

Além desses projetos de extensão, coordenei outros dois relacionados à divulgação do IFRS na região. O primeiro, em 2015, foi nas escolas, onde levamos material impresso informativo e fizemos uma pesquisa de intenção de áreas ou cursos que os alunos, desses dez municípios visitados, gostariam que tivessem no *Campus* Veranópolis. A segunda ação nesse sentido foi a de integração do IFRS às maiores empresas da região, em 2017, nos municípios de Veranópolis, Vila Flores, Nova Prata e Nova Bassano. O objetivo principal era apresentar a missão do IFRS, os cursos que estavam sendo oferecidos no *campus* e possibilitar parcerias e encaminhamento de estudantes para estágios ou empregos, bem como deixar folhetos informativos para seus funcionários conhecerem e se interessarem em estudar conosco.

Nasci na cidade de André da Rocha, moro em Nova Prata há muitos anos, já morei em Veranópolis, mas confesso que depois da experiência no IFRS tenho outra visão de todo esse espaço. Integrar o *campus* à região a que pertencemos é um desafio bastante grande. Temos ótimas escolas particulares, de todos os níveis escolares e pessoas que, mesmo em casos em que não seria viável pagar, ainda assim dão um jeito para colocarem seus filhos nas escolas tradicionais dos seus municípios. Impera a premissa de que se é de graça não presta, contrariando os números de projetos premiados, alunos aprovados nas melhores universidades do país, alunos premiados em olimpíadas das disciplinas e a qualidade do ensino, metrificada pelo próprio MEC (Ministério da Educação e Cultura). Por isso, a importância da extensão nesses casos, pois acredito que por meio de ações de servidores e estudantes do *campus*, envolvendo diferentes grupos da comunidade, poderemos ressignificar a presença e a importância de uma instituição como a nossa por aqui.

Hoje coordeno um projeto intitulado Memórias da Pandemia: relatos da comunidade acadêmica do *Campus* Veranópolis do IFRS. Buscamos realizar um levantamento das memórias do cotidiano dos discentes, servidores e pais de alunos durante a pandemia de covid-19 e elaborar, por meio de leitura e análise de vários relatos, uma narrativa histórica dessas memórias, o que poderá contribuir para reflexões sobre a nova realidade, para análise e conclusões, inclusive, das gerações futuras.

Concluo esse relato afirmando que o fazer extensão universitária começa muito antes do projeto, aliás, eu diria que este não deve existir sem o contato com o público, ou a comunidade em que o *campus* atua. É no diálogo com as pessoas, com futuros parceiros, empresas e demais agentes que possam ajudar na ação, que começamos a regar a semente do que pretendemos fazer. Uma ideia

com objetivos, metodologia e ideais pretendidos, sem a interação com a comunidade, do meu ponto de vista, não é uma ação de extensão. Pode ser um projeto pessoal, com fins de interesse de quem propõe. Para amarrar todas as pontas do Fazer Extensão, temos que pensar e propor que nossos alunos pensem juntos, como extensionistas, no com quem fazer (público-alvo), o que pretendem fazer, como querem que façamos, de quem vamos precisar para fazer (outros agentes públicos ou privados), que produtos vamos criar juntos e para que vai servir a ação, tanto aos nossos alunos, como aos que solicitaram.